



A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(Organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A474 A senda nos estudos da língua portuguesa [recurso eletrônico] /
Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-492-4
DOI 10.22533/at.ed.924192407

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa –
Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série.

CDD 469.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este primeiro volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o processo metaenunciativo de (re) construção de sentidos na densidade dialógica dos discursos estéticos e textuais, via enunciados parafrásicos; o ensino de língua pelo caminho do gênero textual; a linguagem jurídica em uma perspectiva linguística, para fins de melhorar a relação entre o Direito e o cidadão comum, facilitando, assim, seu acesso à Justiça; a constituição do *ethos* discursivo dos pronunciamentos presidenciais dos países lusófonos Angola e Brasil, da década de 1990, uma vez que esses dois países têm um passado em comum e trazem semelhanças resultantes das ações do período da colonização portuguesa; a reconstrução e a ressignificação da história de vida dos Candangos, primeiros moradores de Brasília, partindo da análise de um conjunto de fotografias e de entrevistas.

Na sequência, os capítulos tratam da descrição das categorias nominais gênero linguístico e número sintático em Português Europeu, em confronto com sua ausência em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano; do processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da Gramática Funcional do Discurso, da Teoria Semântica Lexical e pelo Interculturalismo; do impacto que um trabalho com linguagem escrita, numa perspectiva sociointeracionista, tem sobre a formação de alunos com idade entre três e quatro anos (que contituiam, no momento da execuussão da proposta, uma turma de maternal II), especialmente em relação à formação de futuros leitores; da intercompreensão entre o português, o espanhol e o francês como estratégia para ensinar o português – língua não materna – a alunos franceses, em universidades francesas.

Ainda seguindo o caminho anunciado no Sumário, os capítulos seguintes

abordam: as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano; a análise do léxico, em uma abordagem discursiva, investigando as lexias que podem ser típicas da fala do homem acreano, no contexto do romance *O Empate*, de Florentina Esteves, uma escritora acreana; os processos enunciativos e, portanto, discursivos e interacionais no uso da materialidade sincrética no *site* da escritora Angela Lago, que tem como interlocutor o público infantil; a identidade e a subjetividade do negro nos ladrões (versos improvisados) do Marabaixo, manifestação da cultura afro-amapaense, à luz de pressupostos da análise do discurso de base francesa; o tratamento e apresentação de termos de áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que usa com frequência o referido material; o uso de operadores argumentativos na construção de enunciados de editoriais, apresentando-os como correspondentes aos lugares da retórica clássica; a educação prisional sob a ótica foucaultina.

No último apanhado de textos, encontramos um capítulo que enfatiza uma abordagem teórica sobre a definição de literatura e o seu caráter artístico e estético; a produção seguinte trata da relação entre os estudos do pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé; outro capítulo focaliza o estudo da poesia medieval, tanto das cantigas profanas, quanto das cantigas religiosas; a seção posterior realiza uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tendo como ponto de partida aspectos literários e sintáticos; depois, um estudo que observa a descortesia estratégica proferida pelos personagens no romance *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues, demonstrando que as relações de interação são construídas por meio de estratégias argumentativas para atacar a imagem do interlocutor; e fecha a obra um capítulo no qual a pesquisa reflete sobre o papel do docente mediador na constatação de casos de violência contra crianças na turma sob sua responsabilidade.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO E OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO METAENUNCIATIVO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	
Maria Bernardete da Nóbrega Maria das Dores Oliveira de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924071	
CAPÍTULO 2	15
A DIDÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Cleide Inês Wittke Jossemar de Matos Theisen	
DOI 10.22533/at.ed.9241924072	
CAPÍTULO 3	30
A SIMPLIFICAÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL DE ACESSO À JUSTIÇA	
Luciana Helena Palermo de Almeida Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.9241924073	
CAPÍTULO 4	49
ANGOLA E BRASIL – PODER E DISCURSO POLÍTICO A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PRONUNCIAMENTOS PRESIDENCIAIS	
Patrícia Martins Mafra	
DOI 10.22533/at.ed.9241924074	
CAPÍTULO 5	63
A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE BARDIN	
Rita Barreto de Sales Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9241924075	
CAPÍTULO 6	79
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Celda Maria Gonçalves Morgado Ana Sofia do Carmo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9241924076	
CAPÍTULO 7	91
PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924077	
CAPÍTULO 8	103
“NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA ESCRITA EM UMA ESCOLA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Ana Carolina Vilela-Ardenghi Adriana Sadagurschi	
DOI 10.22533/at.ed.9241924078	

CAPÍTULO 9	117
THE INTERCOMPREHENSION BETWEEN PORTUGUESE, SPANISH AND FRENCH AS A STRATEGY FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TO FRENCH STUDENTS AT FRENCH UNIVERSITIES	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.9241924079	
CAPÍTULO 10	128
UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO	
Maria Auxiliadora da Fonseca Leal Karlla Andrea Leal Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.92419240710	
CAPÍTULO 11	141
UM ESTUDO DISCURSIVO DO LÉXICO EM <i>O EMPATE</i> , DE FLORENTINA ESTEVES	
Edilene da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240711	
CAPÍTULO 12	153
OS MULTILETRAMENTOS NOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.92419240712	
CAPÍTULO 13	165
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NOS LADRÕES DO MARABAIXO: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLARIZAÇÃO DOS AFROSABERES AMAPAENSES	
Drieli Leide Silva Sampaio Fabiana Almeida Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.92419240713	
CAPÍTULO 14	178
O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3	
Maryelle Joelma Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240714	
CAPÍTULO 15	191
OPERADORES ARGUMENTATIVOS USADOS NO GÊNERO EDITORIAL ENQUANTO RECURSOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO	
Míriam Silveira Parreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240715	
CAPÍTULO 16	215
O PROJETO <i>EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE</i> , EM CAMPOS BELOS, GOIÁS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA	
Ronivaldo de Oliveira Rego Santos Luciana Nogueira da Silva Wanderson Luiz Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240716	

CAPÍTULO 17	227
O CARÁTER ARTÍSTICO E ESTÉTICO DA LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	
Deisi Luzia Zanatta	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.92419240717	
CAPÍTULO 18	236
O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?	
Celina Cassal Josetti	
DOI 10.22533/at.ed.92419240718	
CAPÍTULO 19	245
POESIA PROFANA E RELIGIOSA NA ERA MEDIEVAL	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240719	
CAPÍTULO 20	262
“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240720	
CAPÍTULO 21	275
PRESERVAÇÃO DA FACE E (DES)CORTESIA NO DISCURSO LITERÁRIO DO ROMANCE MEU DESTINO É PECAR, DE NELSON RODRIGUES	
Fabiana Meireles de Oliveira	
Rodrigo Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92419240721	
CAPÍTULO 22	286
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENFRENTAMENTO	
Welton Rodrigues de Souza	
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240722	
SOBRE O ORGANIZADOR	297
ÍNDICE REMISSIVO	298

CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Celda Maria Gonçalves Morgado

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (ESE/P. Porto)

Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP)

Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED)

Porto – Portugal

Ana Sofia do Carmo Lopes

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (ESE/P. Porto)

Universidade de Santiago de Compostela (USC)

Porto – Portugal

RESUMO: Na formação científica do professor de Português e na prática pedagógico-didática por ele realizada, as conexões entre a Linguística Formal, a Linguística Descritiva e a Linguística Aplicada assumem, progressivamente, um papel fulcral. Todavia, o esforço de sustentar a formação de professores de Português em conhecimentos (meta)linguísticos atualizados deve continuar, socorrendo-se, sobretudo, dos contributos da Linguística Comparativa entre o Português e as Línguas Maternas dos aprendentes. Assim, este texto, que se enquadra no domínio da Linguística Descritiva Comparativa e da Linguística Aplicada, visa descrever as categorias nominais género linguístico e número sintático em Português

Europeu, em confronto com a ausência das mesmas em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano. Nas referidas línguas é exequível comunicar linguisticamente a categoria sexo dos referentes e a quantidade, como em qualquer língua natural, uma vez que estas noções não estão dependentes das categorias formais género e número, exclusivas de algumas línguas. Por conseguinte, pretende-se contribuir para a formação do professor de Português e para as abordagens pedagógico-didáticas destas categorias, as quais devem atender a: (i) parâmetros linguísticos específicos das línguas; (ii) distinção entre categorias linguísticas e expressão linguística de noções e categorias naturais e mais motivadas pelo mundo real.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Comparativa; género linguístico; número sintático; ensino da língua; Língua Portuguesa.

SCIENTIFIC KNOWLEDGE ABOUT NOMINAL CATEGORIES AND TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT: The connections between Formal Linguistics, Descriptive Linguistics and Applied Linguistics are progressively playing a key role in the scientific formation of the Portuguese teacher

and in the pedagogical-didactic practice. However, the effort to support the training of Portuguese teachers in up-to-date linguistic (meta) knowledge should continue, mainly by using the contributions of Comparative Linguistics between Portuguese and the mother languages of learners. Thus, this text, which falls within the field of Comparative Descriptive Linguistics and Applied Linguistics, aims to describe the nominal categories linguistic gender and syntactic number in European Portuguese, in comparison with the absence of the same in languages of different modality in contact with Portuguese - the Tetum and the Caboverdian. In these languages it is feasible to communicate linguistically the category of sex of the referents and the quantity, as in any natural language, since these notions are not dependent on the formal categories gender and number, exclusive of some languages. Therefore, it is intended to contribute to the formation of the Portuguese teacher and to the pedagogical-didactic approaches of these categories, which should meet: (i) language-specific parameters; (ii) distinction between linguistic categories and linguistic expression of natural and more real-world notions and categories.

KEYWORDS: Comparative Linguistics; linguistic gender; syntactic number; language teaching; Portuguese Language.

1 | CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

As línguas apresentam características universais, reconhecidas quando as comparamos, à exceção das diferenças gramaticais e das especificidades da modalidade de produção e de receção. Entre as referidas características, encontram-se a existência de categorias lexicais equivalentes, a evidência de regras semelhantes para a formação de palavras e de frases e a possibilidade de exprimir a quantidade, a temporalidade e a negação.

No domínio da Linguística Descritiva Comparativa e da Linguística Aplicada, e considerando as propriedades supracitadas, pretendeu-se compreender o estatuto e o funcionamento das categorias nominais – género e número - em Português Europeu (PE), com o propósito de contribuir para a formação do professor de Português e para as abordagens pedagógico-didáticas das categorias em destaque. Sublinhe-se que o enfoque comparativo que será atribuído a este trabalho é justificável pelo facto de o Português se encontrar em contacto com outras línguas e tal possuir implicações no progresso linguístico do indivíduo e na sua aprendizagem em geral. Neste sentido, a comparação linguística assentará na descrição comparativa dos fenómenos em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano. Nas referidas línguas é exequível comunicar linguisticamente a categoria sexo dos referentes e a quantidade, como em qualquer língua natural, uma vez que estas noções não estão dependentes das categorias formais género e número, exclusivas de algumas línguas.

Em termos estruturais, o texto encontra-se organizado em duas partes centrais,

além das considerações introdutórias e finais. Na primeira parte, far-se-á uma descrição comparativa das categorias género linguístico e número sintático e suas relações com as noções de sexo dos referentes e de quantidade, respetivamente, nas línguas orais em contacto – o Tétum e o Caboverdiano. Já na segunda, realizar-se-á uma reflexão descritivo-comparativa semelhante à referida precedentemente, mas com ênfase no Português Europeu; salientando-se também recomendações para o ensino das categorias nominais em destaque.

2 | NÚMERO E GÉNERO EM VÁRIAS LÍNGUAS DO MUNDO

Numa primeira instância, importa sublinhar que o género linguístico se encontra longe de ser uma propriedade universal às línguas do mundo. Por meio da comparação linguística, torna-se exequível afirmar que o género não possui o estatuto de categoria gramatical em todas as línguas do mundo (CORBETT, 1991), bem como mostrar que diversos fatores concorrem, em distintas línguas, para a sua determinação e para a especificação dos seus valores.

A título de exemplo, por um lado, o Português Europeu (PE) é uma língua com género linguístico ou gramatical, sendo uma noção não diretamente dependente da noção de sexo, ainda que em determinados nomes possa haver alguma motivação das categorias biológicas. Por outro lado, várias são as línguas que não possuem sistema de género e as que o possuem pode ou não ser baseado na distinção de sexo dos referentes (cf. Figura 1, para uma distribuição dos sistemas das línguas catalogadas na *Wals online*, DRYER, 2013).

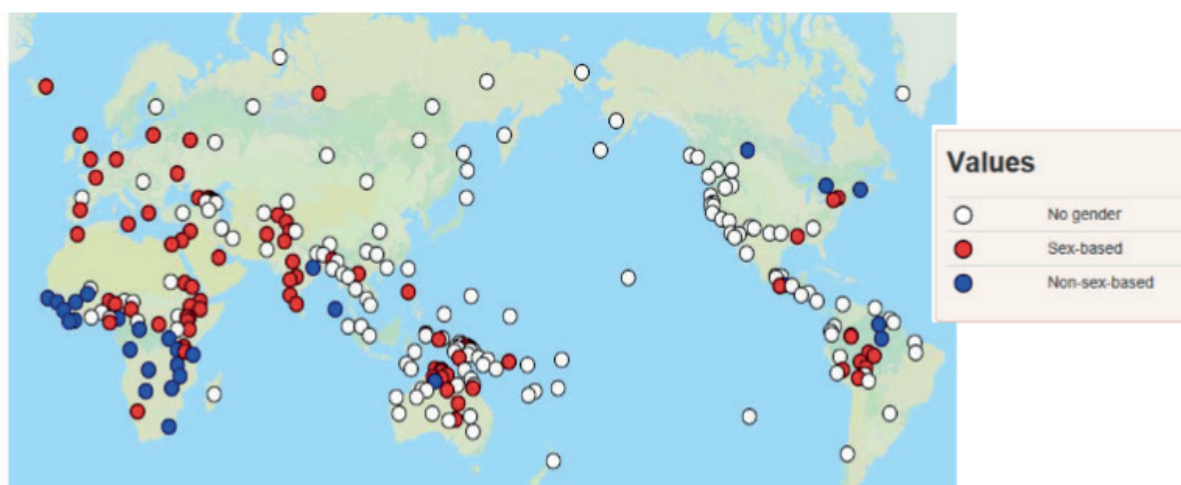


Figura 1: Sistemas de género baseados ou não em sexo (Wals online, 2013/31A)

Por sua vez, a expressão da quantidade, como um Universal Linguístico, é possível em todas as línguas do mundo. Todavia, nem todas exibem marca formal de número (cf. Figura 2, Wals online, Dryer, 2013).

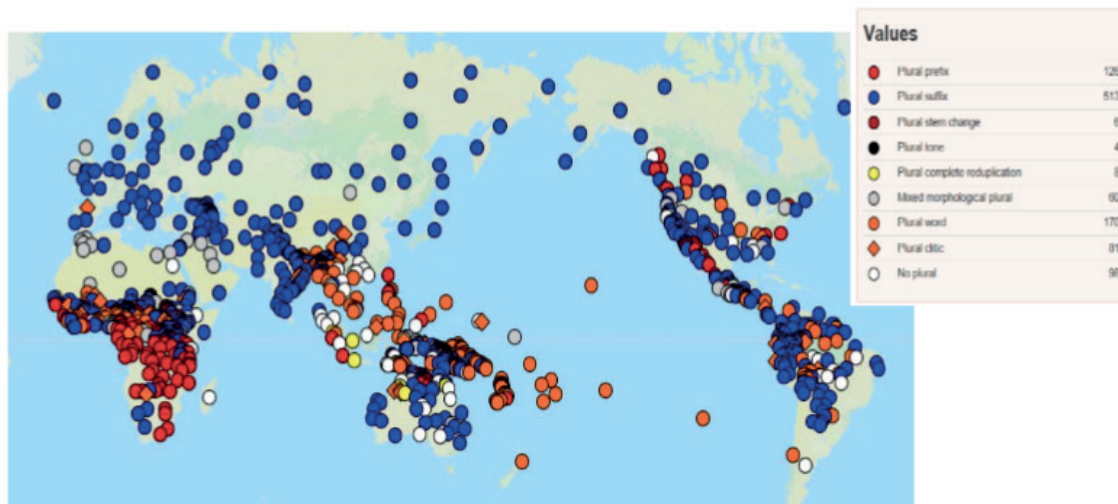


Figura 2: Codificação da pluralidade nominal nas línguas do mundo (WALS online, 2013/33A)

Note-se que a quantidade nominal associa-se à noção semântica de cardinalidade, quando expressa a noção de quantidade absoluta (muitas vezes realizada linguisticamente pelo numeral cardinal), mas pode, igualmente, expressar quantidades indefinidas. Assim, a linguagem permite expressar quantidades indefinidas e quantidades definidas, por meio de múltiplos mecanismos próprios e específicos das línguas. As quantidades indefinidas não são facilmente quantificáveis, pois utilizam-se quantificadores indefinidos para as expressar, como *muito* e *pouco* em PE; enquanto as quantidades definidas são facilmente quantificáveis, já que se usam unidades de medida, de peso e de cardinalidade.

Ademais, o termo número pode aplicar-se a realidades distintas, entre elas: i) número como expressão de quantidade: número cardinal (quantidade absoluta) e número ordinal (ordem ou posição numa série); ii) número como código numérico – por exemplo n.º de endereço e o n.º de telefone; iii) número como categoria nominal formal: sistema de marcação formal com implicações na concordância das palavras nos sintagmas e nas frases – em PE realiza-se no morfema flexional <-s>.

Por último, saliente-se que a aceção “número como categoria gramatical formal”, em línguas que a possuem, possui implicações na morfossintaxe da língua e, normalmente, encontra-se para além da expressão da quantidade, ainda que o morfema de número no nome acumule, na maior parte dos casos, uma dupla informação: a de número formal e a de quantidade.

2.1 A problemática do género e do número nas línguas orais em contacto com a língua portuguesa

No âmbito de algumas línguas orais em contacto com a Língua Portuguesa, e no que concerne, primeiramente, a género e a sexo, realce-se que estes últimos são conceitos correlatos, sendo que linguisticamente somente se podem marcar os nomes de uma das categorias de sexo, frequentemente o feminino, ou as duas.

O Tétum e o Caboverdiano de Santiago, embora possuam bases distintas, apresentam, para além da clara transferência lexical da Língua Portuguesa, algumas semelhanças estruturais e gramaticais no que às categorias do nome diz respeito. Os nomes, em Tétum, “são invariáveis em género e número” (COSTA, 2001, p. 22) e, em Caboverdiano, “também não possuem flexão de género” (LUCCHESI, 2003, p. 437), a contar pelos estudos disponíveis sobre estas línguas (CHOUPINA & SEMEDO, no prelo).

Quanto à noção de género, nas duas línguas orais suprarreferidas, esta parece estar associada à noção de sexo, havendo marcação linguística apenas quando os nomes designam seres animados, animais ou humanos. Subsequentemente, apresentam-se os exemplos em (1) para o Tétum e os exemplos em (2) para o Caboverdiano (retirados de Choupina, 2011, e citados por Choupina & Semedo, no prelo), com o intuito de ilustrar e constatar a ausência de concordância em género.

1. Tétum

a. *Didin **mutin fo'er***. (CHOUPINA, 2011, p. 71)

parede branco sujo

“A parede branca está suja”.

b. *Balde **mutin fo'er***. (CHOUPINA, 2011, p. 71)

balde branco sujo

“O balde branco está sujo”.

2. Caboverdiano de Santiago

a. *flor **bunitu*** (CARDOSO, 2005, p. 6)

flor bonito

“flor bonita”.

b. *livru **bedju*** (CARDOSO, 2005, p. 6)

livro velho

“livro velho”.

Por seu turno, e conforme já referido, nem todas as línguas do mundo apresentam a categoria de número sintático, embora em todas pareça haver estratégias linguísticas para transmitir a quantidade. Em relação ao Tétum e ao Caboverdiano de Santiago, estas são línguas que não possuem número sintático, ou seja, a categoria número com implicações na concordância sintática.

De seguida, elencam-se alguns exemplos em (3) para o Caboverdiano, extraídos de Pereira, Arim & Carvalho (2013-2015, p. 15-16).

3. Caboverdiano de Santiago

a) *Góra, nu ta kume **uns** banana.*

“Agora, nós vamos comer umas bananas”.

b) ***Kes** kasa bunitu.*

“As casas são bonitas”.

c) *E perde **ses** libru na skola.*

“Ele perdeu os livros dele na escola”.

d) ***Fidjus** di Nha Bia sta duenti.*

“Os filhos da Senhora Bia estão doentes”.

Em nenhum dos exemplos se verifica concordância das palavras quanto a número, sendo que a informação expressa é unicamente de quantidade. Portanto, essa informação é apenas dada uma vez em cada frase, sem haver qualquer retoma ou redundância nem no sintagma nem na frase. Nos exemplos 3a), b) e c) a quantidade é expressa por determinantes (*uns*, *kes* e *ses*) e em 3d) é o nome *fidjus* que a transmite. Logo, a informação de plural é fornecida somente uma vez no sintagma, por norma na “primeira palavra que permite flexão (artigo, demonstrativo, nome)”, segundo Pereira, Arim & Carvalho (2013-2015, p. 15).

No respeito aos seguintes exemplos, estes ilustram, sumariamente, a expressão da quantidade em Tétum. Importa sublinhar que o Tétum não tem número sintático, tal como se verificou em Caboverdiano. Contudo, o nome apresenta-se invariável, sendo a quantidade expressa por mecanismos lexicais e morfossintáticos. *Ida* e *sira*, ora como determinantes ora como quantificadores, permitem, de um modo genérico, marcar a quantidade singular e a quantidade plural não específica, respetivamente, como se verifica nos exemplos (4) e (5). As quantidades específicas são transmitidas pelo uso de quantificadores numerais.

4. *Ha’u foti **ida** mutin.* (HULL & ECCLES, 2005, p. 56)

“Eu levei o barco”.

5. a) *Madre **sira** hanorin labarik **sira** no bali moras **sira**.* (HULL & ECCLES, 2005, p. 17)

“As freiras ensinam as crianças e cuidam dos doentes”.

b. *Labarik **sira** hein hela iha li’ur.* (HULL & ECCLES, 2005, p. 17)

“As crianças estão à espera lá fora”.

3 | NÚMERO E GÉNERO EM PORTUGUÊS EUROPEU

3.2 Género linguístico vs. Sexo dos referentes

No Português Europeu (PE), o género consiste numa categoria nominal obrigatória para a concordância das palavras nos sintagmas e nas frases (COSTA et al., 2015) e assume-se como uma categoria assistemática e sincronicamente arbitrária, que não é flexional (VILLALVA, 2003). Nesta língua, existem dois valores de género no nome – *masculino* e *feminino* – e todos os nomes têm um valor de género, independentemente da sua atribuição (lexical ou sintática), materializado na sintaxe da língua nos mecanismos de concordância (VILLALVA, 2000; CHOUPINA, 2011; CHOUPINA et al., 2014), tal como se pode comprovar no exemplo (6).

6. Os reбуçados são doces.

O nome *reбуçados* é de género masculino, traço que é copiado para a posição de determinante, fazendo-se a seleção do determinante artigo feminino *as*, assim como para a posição do predicativo, na atribuição de valor feminino também ao adjetivo *grandes* (ainda que seja invariável na sua forma possui o valor feminino). Os nomes e os adjetivos do PE podem agrupar-se segunda a sua classe temática, definida em função da existência e do tipo de vogal que segue o radical, ao nível da estrutura morfológica. Contudo, e embora frequentemente se confunda tal classe temática (índice temático) com o valor de género linguístico, a importância do género na concordância sintática e a irrelevância, por contraste, do índice temático na concordância das palavras nos sintagmas (cf. (7) e (8)) e nas frases (9) comprovam a sua pertença a sistemas muito distintos, um sintático e outro morfológico.

7. a) a mochila_{fem} amarela_{fem} / o caderno_{masc} amarelo_{masc}
b) a mochila_{fem} simples_{fem} / o caderno_{masc} simples_{masc}
8. a) a mala_{fem} grande_{fem} / o panda_{masc} grande_{masc}
b) a mala_{fem} branca_{fem} e preta_{fem} / o panda_{masc} branco_{masc}
9. a) o dragão-fêmea_{masc} é muito rápido_{masc}
o dragão-macho_{masc} é muito rápido_{masc}

Acresce referir que no género não existe obrigatoriedade de contraste e de marca morfológica, bem como não se verifica uma sistematicidade na sua realização, uma vez que são vários os processos de formação de palavras e de explicitação e/ou atribuição do género no nome. Realce-se ainda o facto de a variação não constituir uma regra, visto que muitos nomes não admitem variação em género. Por isso, não há variação em nomes de género único, somente existe em alguns nomes de género sintático, como é o caso de *menino*, *gato* e *cliente*. Neste âmbito, revela-se importante a distinção entre género sintático e género inerente/único.

Nos nomes de género sintático, o valor de género é construído sintaticamente, implicando, por isso, processos morfológicos ou morfossintáticos de especificação

temática ou de formação de bases complexas ou compostas (COSTA et al., 2015; BAPTISTA et al., 2013a). Evidenciam-se várias formas de atribuição do género sintático, nomeadamente: combinação com uma palavra de outra categoria; acréscimo de um morfema derivacional, como *-ção* e *-idade* para formar nomes femininos e *-mento* e *-ismo* para formar nomes masculinos; especificação pela alternância do índice temático *-o/-a*. Nos nomes de género inerente/único, o valor de género é atribuído no léxico, ou seja, é arbitrário e intrínseco ao próprio radical nominal, sendo a sua aquisição feita de forma intuitiva (como *mesa*, *panda* e *tribo*) (COSTA et al., 2015).

Não se tratando o género de uma categoria flexionável, no PE, são múltiplos os processos morfossintáticos que permitem a especificação do valor de género dos nomes e, por vezes, a construção da “ilusão” de alternância ou contraste de género: (i) a marcação da classe temática, realizada pelo índice temático (*-o*, *-a*, *-e* e \emptyset /atemático), como em *menino* e *gato*; (ii) a alternância fonológica, como em *irmão* e *irmã*; (iii) a derivação, em exemplos como *conde* e *condessa*, *cão* e *cadela*; (iv) os processos sintáticos, *o estudante* e *a estudante*. Destes processos excluem-se os conhecidos como composição com <macho> e <fêmea> (como *elefante macho* e *elefante fêmea*) e contraste lexical (como *carneiro* e *ovelha*), uma vez que os nomes que os ilustram são de género inerente e apenas contrastam o sexo dos referentes nomeados por esses nomes (VILLALVA, 2003; BAPTISTA et al. 2013; CHOUPINA et al. 2014; CHOUPINA et al. 2016).

A propósito dos dois últimos processos morfossintáticos destacados anteriormente, sublinhe-se que, no PE, género e sexo não apresentam uma relação intrínseca entre si, ou seja, “o género é uma categoria arbitrária e, por isso, não estabelece correlação com a noção de sexo” (COSTA & CHOUPINA, 2011, p. 3-4). Por um lado, refere-se uma categoria gramatical (o género) e, por outro, uma realidade biossocial (o sexo). Vejam os exemplos em (10) e (11), que ilustram a ausência de correlação entre género e sexo.

- 10. a) mulherão (género masculino e sexo feminino)
- b) rapaziada (género feminino e sexo masculino)
- 11. a) elefante-fêmea (género masculino e sexo feminino)
- b) cobra-macho (género feminino e sexo masculino)

Não raro, a confusão que se verifica entre género e sexo reside no facto de para ambas as categorias se aplicarem as mesmas formas de designação e distinção dos valores ou categorias em que se concretizam – masculino e feminino -; bem como por se considerar que “o sexo biológico funciona como motivação para a atribuição do valor de género” (COSTA et al., 2015, p. 329). Ademais, a promoção de uma correlação entre género e sexo ocorre também por o termo género ser polissémico e, por isso, aplicar-se a realidades muito diferentes. Este pode surgir como sinónimo de sexo ou de identidade biossocial, assim como para referenciar uma categoria

morfofossintática, no âmbito da metalinguagem linguística (BAPTISTA et al., 2013b).

Importa ainda ressaltar que, frequentemente, no ensino da Língua Portuguesa, nomeadamente nos materiais didáticos, nos documentos reguladores de ensino desta área do saber e no próprio discurso pedagógico se assiste a uma aparente defesa de correlação entre género e sexo. Neste sentido, saliente-se o estudo exploratório de Lopes, Choupina e Monteiro (2017), especialmente, a análise de duas coleções de manuais escolares de Português do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Nesta análise, constatou-se que há um predomínio de exemplos de nomes comuns animados, quer humanos, quer não humanos, o que constitui um fator propício para a realização de tarefas de produção de contrastes e para a promoção da confusão entre género linguístico e sexo dos referentes. Aliás, este indício acaba por se confirmar aquando da observação da tipologia de tarefas solicitadas, em que, efetivamente, prevalecem as tarefas de produção de contrastes. Também os processos de contraste lexical e de composição com <macho> e <fêmea> surgem, nos manuais, associados aos processos de marcação de género linguístico, quando somente indicam o sexo dos referentes.

Face ao exposto, a abordagem da categoria género não deve promover a produção de contrastes. Portanto, defende-se que a abordagem da categoria sexo biossocial se deve fazer separadamente, em momento próprio, no âmbito do Estudo do Meio, tal como já se preconizou em Lopes, Choupina e Monteiro (2017).

Já a abordagem explícita da categoria género deve seguir a subsequente sequência de progressão nas tarefas, tal como já defendido por Costa et al. (2015): concordância, correferência e identificação. Em termos da concordância, a abordagem à categoria género deve ser estabelecida, primeiramente, ao nível do Sintagma Nominal (SN), com realce para a estrutura nominal determinante + nome, e, posteriormente, em relação a outros constituintes frásicos, por exemplo, integrados no Sintagma Verbal (SV). No que concerne à correferência, a sua abordagem deve fomentar a retoma de nomes ou de SN pelo uso de pronomes. Já no último nível, procede-se à identificação do valor de género dos nomes. A esse propósito, importa referir que a didática dos nomes deve também respeitar um faseamento, por exemplo: nomes comuns não animados de género inerente, nomes comuns animados de género inerente, nomes comuns não animados de género sintático e nomes comuns animados de género sintático.

3.3 Número sintático vs. Quantidade

Em PE, o número é uma categoria nominal que distribui os nomes por duas classes – *singular* e *plural* – realizando-se a marcação do plural por flexão sufixal, sistematicamente concretizada pelo morfema preso <-s>/[ʃ]: em nomes; em adjetivos; em artigos; determinantes e pronomes; quantificadores; participios passados, etc.

A sintaxe do PE é altamente flexionada e o número realiza-se de forma

redundante, por cópia de traços do nome para todo o sintagma e, inclusivamente, a frase, neste último caso pela concordância em número do predicativo do sujeito com o sujeito ou entre este e o particípio passado (cf. 12a) e b)).

12. a) **As mochilas são grandes.**

b) **Os reбуçados foram comidos** muito cedo.

Sublinhe-se ainda que a flexão de número tem um papel preponderante na concordância sintática, não só entre as palavras com estreita relação com o nome dentro do sintagma nominal, como entre constituintes - em pessoa e número entre o verbo (“são”; “foram comidos”) e o sujeito (“as mochilas”; “os reбуçados”).

No ensino da Língua Portuguesa, no que a esta categoria nominal diz respeito, é de realçar que, não raro, nos materiais didáticos, as noções de número e de quantidade são confundidas. Ainda que estas duas noções estejam relacionadas (CHOUPINA, 2017), devem ser abordadas tendo em consideração a problemática que as envolve. Por um lado, o número é uma noção gramatical com implicações na concordância das palavras nos sintagmas e nas frases (VILLALVA, 2008); por outro, a quantidade afigura-se como uma noção semântica (DUARTE & OLIVEIRA, 2003), que é transmitida através de processos morfossintáticos, que devem ser abordados de forma articulada com o estudo dos mecanismos de referências das expressões quantitativas nominais.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise descritivo-comparativa que foi realizada entre o PE e as línguas em contacto orais revelou que, por um lado, o género linguístico é uma categoria formal, ainda que não opere por flexão e sistematicidade no PE, enquanto nas restantes línguas descritas não existe e apenas há a expressão do sexo dos referentes animados (humanos e não humanos), sendo que os recursos linguísticos de composição com <macho> e <fêmea> e o contraste lexical se manifestam comuns a todas as línguas. Por outro, o número é, igualmente, uma categoria formal, somente encontrada no PE, enquanto a expressão da quantidade é comum a todas as línguas analisadas; embora permitam a informação da quantidade, a diversidade de estratégias e fenómenos deve ser estudada em profundidade.

Ressalte-se ainda que, das línguas observadas – o Português Europeu, o Tétum e o Caboverdiano –, unicamente o PE dispõe de sistemas formais de número e de género, com implicações evidentes na concordância das palavras dentro dos sintagmas nominais e das frases.

Em sùmula, as questões debatidas neste texto assumem especial relevância em termos científicos e científico-pedagógicos, uma vez que podem influenciar a variante do Português adquirida e/ou aprendida nas zonas de contacto e a aquisição da estrutura gramatical do Português na variante PE. Assim, entende-se que a

formação do professor de Português deve incidir na valorização da formação científica no âmbito do conhecimento linguístico, metalinguístico e interlinguístico, e pela operacionalização desse conhecimento em abordagens pedagógico-didáticas consequentes e informadas sobre as categorias género e número no Português, as quais devem atender, indiscutivelmente, aos parâmetros linguísticos específicos das línguas e à distinção entre categorias linguísticas/formais e expressão linguística de noções e categorias universais e mais motivadas pelo mundo real.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, A. et al. Conhecimentos implícitos e explícitos de género linguístico e suas implicações no ensino. In: TEIXEIRA, M. et al. (Orgs.). **Ensinar e Aprender Português num Mundo Plural**. Santarém: Escola Superior de Educação, 2013a.
- BAPTISTA, A. et al. Representação e aquisição do género linguístico em PE: alguns contributos a partir da análise de materiais pedagógicos. **Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa** (Simpósio 5 - Estudos Linguísticos e Literários de Língua Portuguesa na Educação Básica), 2013b, p. 216-224.
- CARDOSO, A. J. **O papel da língua materna na aquisição de uma língua segunda**: o caso da Língua Caboverdiana (breve abordagem gramatical). Centro de Estudos Multiculturais, 2005.
- CHOUPINA, C.M. Reflexões sobre o género em Português Europeu e em Tétum. **Revista electrónica elingUP**, n. 1, v. 3, 2011, p. 64-77.
- CHOUPINA, C. Aspectos estruturantes da morfossintaxe da LGP: expressão da quantidade e das categorias de sexo dos referentes animados. **Revista Leitura**, n. 1, v. 58, 2017, p. 4-25.
- CHOUPINA, C.; SEMEDO, A. S. Perspetiva comparativa da categoria género nos nomes: português europeu, tétum e cabo-verdiano. Comunicação apresentada a **II Conferência A Língua Portuguesa no sistema mundial, Língua Portuguesa Global – internacionalização, ciência e inovação**. 29 e 30 de outubro de 2013, Reitoria da Universidade de Lisboa e Faculdade de Letras de Lisboa, no prelo.
- CHOUPINA, C. et al. A gramática intuitiva, o conhecimento linguístico e o ensino-aprendizagem do género em PE. **Anais do IV Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa**. Vol. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- CHOUPINA, C. M. et al. Conhecimentos e regras explícitos e implícitos sobre género linguístico nos alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico: a influência da classe formal do nome. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 1, 2016, p. 121-150.
- CORBETT, G.. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- COSTA, L. **Guia de conversação Português-Tétum**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.
- COSTA, J. A.; CHOUPINA, C. **A história e as histórias do género em português: percursos diacrónicos, sincrónicos e pedagógicos**. Coimbra: Escola Superior de Educação, 2011.
- COSTA, J. A. et al. Género gramatical: a complexidade do conteúdo e a sua abordagem nos documentos reguladores do ensino do Português no 1º Ciclo EB. **Exedra: Revista Científica. Didática do Português. Investigação e práticas, número temático**, n. 1, 2015, p. 321-352.
- DRYER, Matthew S. Coding of nominal plurality. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin

(Org.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/33>>. Acesso em 14 de Abr. 2018.

DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. Referência Nominal. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Org.). **Gramática da língua portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

HULL, G.; ECCLES, L. **Gramática da Língua Tétum**. Lisboa: Lidel, 2005.

LOPES, A. S.; CHOUPINA, C.; MONTEIRO, S. A formação do professor de 1.º CEB: como articular conteúdos de Português e de Estudo do Meio?. In: CORREIA, L. G.; LEÃO, R.; POÇAS, S. (Orgs.). **O Tempo dos Professores** Porto: CIIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2017.

LUCCHESI, D. A categoria gramatical do género: universais, mudança e crioulização. **Razões e Emoções**. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, v. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p.429-450.

PEREIRA, D.; ARIM, E.; CARVALHO, N.. **Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa**. Crioulo de Cabo Verde: Caraterísticas Gramaticais. ILTEC, 2013-2015, p. 10-26. Disponível em: <http://www.iltec.pt/divling/cd1/cd_pdfs/Crioulo_de_Cabo_Verde.pdf>. Acesso em 24 de Abr. 2017.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCG/FCT, 2000.

VILLALVA, A. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Org.). **Gramática da língua portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

VILLALVA, A. **Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 165

C

Crônica 15

D

Diacronia 128

Dicionários escolares 178, 190

Discurso 6, 1, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 91, 92, 93, 141, 142, 143, 144, 165

E

Educação infantil 103, 109, 115

Efeitos de Sentido 49

Ensino 7, 10, 15, 28, 29, 46, 87, 89, 169, 178, 179, 183, 186, 209, 215, 224, 225, 245, 286, 287, 297

Ensino de língua 29, 178

Escrita 15

F

Fotografia 8, 63, 65, 66, 77

Fraseologia 128, 130, 139

G

Gênero Textual 15

H

História Oral 63, 66, 76

I

Identidade 165

J

Juridiquês 30, 37

Justiça 6, 8, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 200, 208, 215, 219, 220, 221, 225, 226

L

Lexicografia 178, 179, 180, 181, 182, 190

Linguagem escrita 103

Linguagem jurídica 30, 46, 47, 48

Linguagem oral 103, 110

Literatura 103, 106, 141, 230, 235, 236, 239, 245, 246, 261, 274, 297

Lusofonia 49

M

Memória 8, 62, 63, 65, 66

Multiletramentos 153

P

Português 6, 15, 37, 46, 48, 79, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 102, 117, 118, 126, 128, 130, 131, 140, 165, 180, 215, 285, 297

Português para estrangeiros 126

Práticas de leitura 153

S

Semiótica 153, 158, 160, 163, 164

Sequência Didática 15

Sincronia 128

Subjetividade 165, 226

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-492-4



9 788572 474924